

O campo e a guerrilha: o movimento trotskista e a Revolução Cubana

Isabella Duarte Pinto Meucci

Mestre em Ciência Política
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

O campo e a guerrilha: o movimento trotskista e a revolução cubana

Resumo: O processo revolucionário cubano, que culminou na tomada do poder em 1959, promoveu questionamentos teóricos e práticos para aqueles que se posicionavam no espectro político das esquerdas. Para o movimento trotskista, alguns desses questionamentos poderiam contribuir para a confirmação de parte de suas teses, enquanto outros deveriam ser reinterpretados para as especificidades latino-americanas. Dentre todas as considerações advindas da Revolução Cubana, esse artigo priorizará o papel do campo e da guerrilha como elementos que, embora não fossem novos para análises revolucionárias, passaram a ter prioridade em detrimento de outros.

Palavras-chave: 1. Revolução Cubana; 2. Movimento trotskista; 3. Guerrilha.

The countryside and the guerrilla: the Trotskyist movement and the Cuban revolution

Abstract: The Cuban revolutionary process, which culminated in the seizure of power in 1959, has fostered theoretical and practical questionings for those who were situated in the political left spectrum. For the Trotskyist movement, some of these questionings could contribute to the confirmation of their theses, while others should be reinterpreted according to the Latin American specificities. Of all the considerations arising from the Cuban Revolution, this article has prioritized the role of the countryside and the guerrillas as elements that, although not new for revolutionary analysis, have become a priority over other ones.

Keywords: 1. Cuban revolution; 2. Trotskyist movement; 3. Guerrilla.

O advento da Revolução Cubana, em 1959, alçou a pequena ilha ao perigoso posto de vanguarda. Em um período no qual a América Latina mostrava poucas opções de mudança pelas vias da democracia representativa, o exemplo cubano acabou inspirando processos de radicalização à esquerda (AYERBE, 2004, p. 112). No âmbito do marxismo latino-americano, o processo revolucionário cubano surgiu não apenas como uma inspiração, originando também maiores questionamentos sobre o modo como se daria a revolução nos países periféricos. Como afirma Michael Löwy, o acontecimento não só inaugurou um novo período para a história da América Latina, mas também constituiu uma mudança capital no pensamento marxista latino-americano, representando uma guinada teórica, e principalmente prática (LÖWY, 2012a, p. 43).

Essa “guinada teórica e prática” ocorreu em virtude de alguns elementos próprios ao processo revolucionário cubano, que não eram novos na teoria revolucionária, mas que passaram a ganhar prioridade em detrimento de outros. Foi nesse contexto que a guerra de guerrilhas surgiu como alternativa à ação direta das massas, o movimento guerrilheiro no lugar do partido, a ação voltada para o campo e não para a cidade e, conseqüentemente, os atores revolucionários prioritários como os camponeses e trabalhadores rurais ao invés do proletariado urbano.

No tocante à guerra de guerrilhas, essa não foi apenas inspiração, mas também um método exportado a outros países com a ajuda do governo revolucionário instaurado em Cuba. Já o papel do campo foi amplamente defendido pelo próprio Ernesto “Che” Guevara, figura central da conquista cubana.

O intento deste artigo será compreender como essas duas características próprias à Revolução Cubana – o campo e a guerrilha – foram interpretadas e incorporadas (ou não) por parte dessa esquerda marxista do continente, o

movimento trotskista. É importante destacar que, inicialmente, a Revolução Cubana permitiu a confirmação de algumas das teses trotskistas: a luta contra o imperialismo como uma possibilidade real, mesmo em países periféricos; a crise dos partidos comunistas, tendo em vista suas dificuldades em liderar revoluções; a prática revolucionária necessariamente ancorada em uma teoria da revolução permanente.¹

No entanto, ainda que parte do movimento trotskista tenha entrado em acordo sobre os significados imediatos da Revolução Cubana, os desdobramentos do processo revolucionário fizeram com que as considerações teóricas e práticas anteriores fossem questionadas. É dessa maneira que a compreensão das condições que levaram à conquista cubana, bem como as críticas ao desenvolvimento da revolução, aparecem como cruciais na construção de um projeto político para esse continente. Além do papel do campo e da guerrilha, o movimento trotskista também ponderou sobre o possível caráter operário do Estado cubano, o fortalecimento do castrismo como força política na América Latina e a iminência de uma guerra mundial nuclear com a Crise dos Mísseis, em 1962.

Compreende-se que a amplitude do movimento trotskista torna necessária a escolha de determinados grupos em detrimento de outros, sem que isso signifique uma tentativa de escrever uma “história oficial”. Dessa maneira, optou-se por analisar, entre os anos de 1959 e 1963, as organizações internacionais nas quais a maior parte do movimento trotskista se dividia, o *Comitê Internacional (CI)* e o *Secretariado Internacional (SI)*, e suas respectivas organizações latino-americanas, *Secretariado Latino Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO)* e o *Bureau Latino Americano da Quarta Internacional (BLA)*.² Entre 1963 e 1974, destacaram-se as análises do *Secretariado Unificado (SU)* por esse congregar grande parte das organizações anteriores, além da

¹ Para maiores considerações sobre as teses trotskistas confirmadas pela Revolução Cubana ver Meucci (2015), especialmente o capítulo 3.

² Além do SLATO, que reunia as seções trotskistas de Argentina, Chile e Peru, também faziam parte do CI o *Socialist Workers Party (SWP)* norte-americano, a *Socialist Labour League* inglesa (SLL), o *Parti Communiste Internationaliste (PCI) – La Verité* francês, as seções chinesa e suíça e a maioria da seção canadense. No SI, permaneceram as lideranças de Michel Pablo, Ernest Mandel, Pierre Frank e as seções argentinas, uruguaias e bolivianas associadas a Juan Posadas, que conformaram o BLA.

discussão acerca da guerrilha afetar diretamente seu desenvolvimento. Em 1969, o SU passou a defender a guerra de guerrilhas para a América Latina no 9º *Congresso Mundial* da Quarta Internacional, levando a grandes problemas para sua real aplicabilidade. Somente no 10º *Congresso* da Quarta Internacional, em 1974, a tática de guerra de guerrilhas foi abandonada.

A periodização aqui proposta considera a conquista cubana de 1959 como o início dos debates sobre campo e guerrilha de forma mais sistemática nas organizações trotskistas, especialmente sobre os desdobramentos desses na América Latina. Em 1974, com o abandono da guerra de guerrilhas por parte do movimento trotskista e os questionamentos acerca dos rumos do governo revolucionário cubano, tanto o campo quanto a guerrilha deixam de figurar entre as principais preocupações das análises trotskistas para o contexto latino-americano.

Da cidade para o campo, dos operários aos camponeses

Ernesto “Che” Guevara publicou o livro *Guerra de Guerrilhas*³ em abril de 1960, no qual buscou sistematizar o que considerou como ensinamentos da Revolução Cubana para os movimentos revolucionários latino-americanos. As três principais conclusões foram:

“1) As forças populares podem ganhar uma guerra contra o exército. 2) Nem sempre há que se esperar que se deem todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las. 3) Na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo” (GUEVARA, 1982, p. 13).

Nos escritos de Guevara, a luta revolucionária era entendida como uma luta de massas na qual o destacamento armado cumpriria a função de vanguarda e

³ *Guerra de Guerrilhas* foi considerado um manual de grande importância militar para o entendimento dos princípios gerais da guerrilha, pois contava com uma detalhada transmissão do conhecimento técnico do processo revolucionário.

teria o campo como principal local de operações.⁴ Isso porque no campo haveria maiores possibilidades de que a guerrilha sobrevivesse nos primeiros momentos de sua formação. As cidades seriam um terreno desfavorável para a luta armada, tendo em vista que um único ataque bem-sucedido do inimigo poderia levar ao aniquilamento das forças guerrilheiras. Além disso, as possibilidades de propaganda política em zona urbana seriam muito menores devido às delações e ao poder repressivo do governo.

No entanto, para Guevara, o papel do campo não era destacado apenas por ser um local de operações, mas também porque na América Latina, com uma economia predominantemente agrária, esse seria o local onde se encontrava a maior parte da população e as maiores contradições do continente. De um lado, o trabalhador desprovido das condições objetivas para realizar seu trabalho e, de outro, os grandes latifundiários, que concentravam a propriedade da terra nas mãos de uma minoria privilegiada e exploradora.

Diante dessas contradições, a principal aspiração do camponês latino-americano seria a propriedade da terra. Por isso, a base econômica da luta guerrilheira deveria estar associada a essa reivindicação. A reforma agrária, nesse caso, seria a principal bandeira que os guerrilheiros deveriam levantar, pois essa reivindicação seria capaz de mobilizar as massas oprimidas e desenvolver a luta. Os guerrilheiros, portanto, deveriam buscar demonstrar claramente esta relação baseada em antagonismos inconciliáveis.

Dessa maneira, para o revolucionário argentino, a relação da guerrilha com o campesinato seria primordial para o sucesso do desenvolvimento da revolução, tendo em vista que o campo era o terreno natural da luta armada. A massa camponesa se integraria à guerrilha quando verificasse sua eficácia no combate ao inimigo. Quando isso acontecesse, a guerrilha se tornaria uma força indestrutível.

A centralidade do campo nas considerações de alguém que esteve presente na luta travada em Sierra Maestra, e na chegada dos revolucionários cubanos ao

⁴ Ainda que os conceitos de campo e de guerrilha não possam ser dissociados para Guevara, abordaremos a importância do primeiro em seus escritos para posteriormente nos determos no segundo de forma pormenorizada. É importante ressaltar que o intento deste artigo não é se aprofundar nos escritos de Guevara ou em seus comentadores, mas sim apreender quais considerações do guerrilheiro argentino influenciaram as análises trotskistas do período.

poder, exerceu grande peso na esquerda latino-americana e mundial. Compreender como o campo e o campesinato tinham importância para a revolução nos países periféricos era uma tarefa desafiadora para o movimento trotskista.⁵ Deve-se ainda destacar que, no contexto mundial, os exemplos da Guerra do Vietnã e da independência da Argélia reafirmavam a importância do campo como palco da luta revolucionária e dos camponeses como seus principais atores (cf. SALES, 2005).

No âmbito do trotskismo internacional, o livro de Guevara foi analisado por Joseph Hansen,⁶ do *Socialist Workers Party* (SWP) norte-americano, então parte do CI. No artigo *Ideology of the Cuban Revolution*, de 1960, a preocupação de Hansen associava-se principalmente à questão de Cuba como vanguarda da revolução na América Latina. Isso implicaria na obrigação de se examinar as teorias e programas desse processo, especialmente no caso de Cuba ter feito uma nova descoberta. Hansen se perguntava:

“Nós devemos entender, a partir do que diz Guevara, que o campesinato deslocou o proletariado da liderança da classe revolucionária – nos países atrasados pelo menos? Se sim, o que isso significa para as perspectivas revolucionárias nos países industrialmente mais avançados? Deveria a perspectiva da revolução proletária ser considerada não realista nesses países?” (HANSEN, 1960, p. 77).

Para responder a esses questionamentos, Hansen primeiro afirmava que, apesar das abrangentes conclusões de Guevara, as lições teóricas da Revolução Cubana ainda não haviam sido delineadas, ao menos até o início dos anos 1960. De acordo com o trotskista norte-americano, ainda que a tomada do poder em Cuba tenha sido feita pelos camponeses, “uma classe residual da era pré-capitalista”, e que o seu padrão pareça ter desafiado a teoria marxista, torna-se

⁵ Löwy (2012b) afirma que, apesar das convergências de Che acerca do caráter da revolução na América Latina e a teoria de Trotsky sobre a evolução da revolução democrática e socialista nos países colonizados e semicolonizados serem inegáveis, as concepções acerca dos papéis dos camponeses e do proletariado na guerra revolucionária não se assemelham de forma alguma (LÖWY, 2012b, p. 101).

⁶ Joseph Leroy Hansen (1910-1979) foi um militante trotskista norte-americano e destacada liderança do SWP. Foi secretário e guarda-pessoal de Trotsky no México de 1937 até 1940, quando o agente stalinista Ramón Mercader assassinou o líder da IV Internacional.

mais fácil compreender esses fatos quando conectados a outros eventos internacionais. Haveria dois fatos da história contemporânea que contribuiriam para a chave do entendimento: 1) o aprofundamento da decadência do capitalismo, que implicaria em erupções em diversos locais 2) as décadas de derrota da revolução proletária nos centros capitalistas devido à influência dos Partidos Comunistas sob o controle de castas burocráticas que usurparam o poder. Para Hansen, como não poderia detonar o obstáculo do stalinismo, a revolução em Cuba “voltou-se a uma distância considerável e tomou um desvio” (*ibid.*, p. 77).

A oposição dos camponeses ao capitalismo e sua atuação no processo revolucionário, na América Latina, parece ser parte desse desvio tomado pela revolução nesses países. Se para Hansen as lições ainda não estavam delineadas de maneira clara, as suas consequências traziam elementos que colocavam Cuba como parte desse caminho alternativo. O desvio poderia ser tomado por outros países inseridos nas mesmas circunstâncias históricas, tendo o campesinato como seu principal sujeito.

Já em *The Theory of the Cuban Revolution*, escrito em 1961, Hansen comparava as demandas do campesinato cubano às dos camponeses na Rússia à época da Revolução de Outubro. Para o militante do SWP, as maiores demandas dos cubanos eram o fim da fome, o fim das mortes no regime de Batista e a reforma agrária, ou seja, “pão, paz e terra”, como na Rússia. Ao incorporar essas demandas, o *Movimento 26 de Julho* demonstraria que era uma força extremamente radicalizada, ainda que sua origem fosse pequeno-burguesa. A crença no campesinato como classe potencialmente revolucionária nos países periféricos ganhava, assim, maior força dentro do SWP. Como parte do desvio revolucionário, a possibilidade agora não poderia mais ser descartada.

Os problemas acerca da importância do campo como local privilegiado e dos camponeses como classe revolucionária também foram tratados pelos trotskistas então organizados no SI. A primeira vez em que o tema apareceu na revista *Quatrième Internationale* foi ainda em uma nota editorial de julho de 1960, que afirmava que a Revolução Cubana havia ultrapassado os limites democráticos burgueses ao adotar medidas que afetavam o regime capitalista, principalmente por meio da reforma agrária, que teria não só distribuído as

terras, como também organizado a produção com base em cooperativas camponesas (QUATRIÈME INTERNATIONALE, 1960)

O exame do processo revolucionário cubano e do lugar ocupado pelo campesinato também foi feito por A. Ortiz⁷ no artigo *Révolution permanente a Cuba*, de 1960, também na *Quatrième Internationale*. Para Ortiz, todas as massas exploradas em Cuba estavam mobilizadas conjuntamente, tendo em vista que a estrutura capitalista construída na ilha se baseava na superexploração das massas operárias e camponesas. Aos pequenos camponeses eram relegadas as terras menos produtivas, nas quais a cana de açúcar e o tabaco não podiam se desenvolver. Aqueles que trabalhavam diretamente com o corte da cana de açúcar o faziam em média por três meses ao ano, durante a colheita. A baixa industrialização, praticamente estagnada, também não poderia absorver toda a mão de obra. De acordo com o trotskista, “foi essa situação que deu a uma revolução política um caráter social” (ORTIZ, 1960, p. 36).

Para Ortiz, o profundo desequilíbrio social fazia com que as massas se mobilizassem e impedissem uma solução capitalista para a crise em que viviam, impulsionando as lideranças do movimento às últimas consequências. A conquista do poder em Cuba teria sublinhado o papel do campesinato, principalmente no processo revolucionário latino-americano. Esse papel já havia sido destacado com a participação dos camponeses nas revoluções da Bolívia e da Guatemala, mas adquiriu destaque após os acontecimentos em Cuba.

Teria sido na luta em Sierra Maestra, com o apoio dos camponeses explorados, que a Revolução Cubana adquirira uma característica de revolução agrária, conservada em um primeiro momento. No entanto, apesar da intervenção das massas operárias não ter sido tão importante na etapa insurrecional, uma vez passada essa etapa – democrática e agrária – o papel da classe trabalhadora se tornaria predominante e decisivo para uma transição ao socialismo. Para Ortiz, “as massas operárias são o setor mais ofensivo, coerente e ativo da revolução” (*ibid.*, p. 35).

⁷ Acredita-se, de acordo com os documentos pesquisados, que A. Ortiz seja o pseudônimo de Alberto Sendic (1923-2009), militante uruguaio que fez parte do BLA e manteve estreita relação com o trotskismo argentino. Em 1959, após a vitória dos revolucionários cubanos, Sendic viajou para Cuba para reorganizar o movimento trotskista local.

Já no âmbito do trotskismo latino-americano, tanto as posições *do Secretariado Latino Americano do Trotskismo Ortodoxo* (SLATO), alinhado ao CI, quanto as posições do *Bureau Latino Americano* (BLA), alinhado ao SI apresentavam-se um pouco mais receosas no tocante ao papel do campo e se distanciavam ainda mais das teses de Guevara. Em 1962, o periódico argentino *Palabra Obrera* editou o livro *A Revolução Latino-americana*, que incluía os artigos publicados na revista *Qué Hacer?* e materiais posteriores sobre Cuba, com um prólogo de Nahuel Moreno⁸ sobre “a revolução que fala nossa língua”. A Revolução Cubana, como vanguarda desse processo, teria movido os alicerces do continente, a ponto de que daquele momento em diante seria “referência obrigatória para os que estudam a história, a política, a luta de classes, a cultura ou a arte latino-americanas” (MORENO, 1962).

Moreno examinava a existência de cinco fenômenos derivados do processo revolucionário aberto por Cuba e que, seguindo uma dinâmica própria, também reagiam sobre esse processo. Os fenômenos seriam os seguintes: a mudança nas relações de força entre o imperialismo e as massas e países latino-americanos; a mudança na relação de forças entre as massas e as oligarquias nativas; o aceleração da crise do imperialismo norte-americano; a crise dos velhos partidos nacionalistas e o surgimento de um novo movimento latino-americano e a aceleração da crise dos partidos comunistas. A partir dessas análises, Moreno buscou responder às questões abertas pelo processo cubano, preocupando-se especialmente em aproveitar as experiências de outras revoluções para a América Latina.

No tocante ao papel do campo e do campesinato, Moreno afirmava que a Revolução Cubana confirmou o que haviam demonstrado as revoluções asiáticas, ou seja, que seria falso o dogma de que a única classe que poderia cumprir com as tarefas democráticas era a classe operária. Cuba havia demonstrado que a classe média urbana e os camponeses poderiam ser forças revolucionárias. Para o historiador Martín Mangiantini, essa foi “seguramente a concessão de maior envergadura ao paradigma castrista” por parte desses trotskistas (MANGIANTINI, 2014, p. 40). No entanto, assim como essas

⁸ Pseudônimo de Hugo Miguel Bressano Capacete (1924-1987), membro do Grupo Operário Marxista (GOM) argentino, dirigente do SLATO, fundador da corrente internacional trotskista *Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional* (LIT-QI), em 1982.

revoluções teriam rompido com esquemas falsos devido a erros interpretativos, também salientava que era a classe operária que poderia cumprir com a transição ao socialismo, ainda que no início tenham sido levadas por outras classes.

Dois anos mais tarde, em 1964, Moreno publicou o artigo *Dos métodos frente a la revolución latino-americana: ¿Lucha guerrillera o lucha obrera y de masas?*, no qual buscava fazer um comentário crítico aos trabalhos teóricos de Che Guevara.⁹ A crítica a Guevara deixava ainda mais clara a posição adotada frente à ideia dos camponeses como vanguarda revolucionária. De acordo com Moreno, a ideia de Guevara de que o campesinato era “a classe social e vanguarda em todos os países latino-americanos” não deixava a menor possibilidade de que essa situação pudesse variar de país para país e que as distintas mentalidades campesinas provocassem distintas relações entre o proletariado, a pequena-burguesia e o campesinato. Para o trotskista argentino:

“O verdadeiro argumento guevarista é técnico e não social. Ele apela ao campesinato e ao campo por serem a classe e a zona ideais para a guerrilha. Ou seja, a guerrilha e a luta armada não estão a serviço do movimento de massas do país, de sua dinâmica, mas o contrário, o movimento de massas e os lugares geográficos estão a serviço da guerra de guerrilhas. O campesinato é a classe da vanguarda porque isso será melhor para o desenvolvimento da guerrilha, não porque seja na realidade” (MORENO, 1964, p. 11).

Os motivos pelos quais Moreno criticava Guevara estavam associados ao que o trotskista argentino considerava uma má interpretação da Revolução Cubana. Para ele, nada havia provado que o setor da vanguarda em Cuba teria sido o campesinato e não o proletariado agrícola e a pequena burguesia urbana. Mantendo a mesma concepção da publicação anterior, Moreno afirmava que “a vanguarda da revolução latino-americana muda de país para país e de etapa em etapa”, no entanto, “superamos o esquema trotskista de que somente o proletariado é a vanguarda da revolução não para cair em outro tão funesto

⁹ Os trabalhos aos quais Moreno responde são *A guerra de guerrilhas* (1960), *Cuba, exceção histórica ou vanguarda na luta anticolonialista?* (1962) e *A guerra de guerrilhas: um método* (1963). O autor não menciona quais seriam as edições utilizadas.

quanto aquele” (*ibid.*, p. 12). O trotskista do SLATO destacava que não estaria disposto a sacrificar seu método por nenhum “dogma campesino”.

As principais respostas de Moreno às análises de Guevara enfatizavam: 1) que o local no qual a luta aconteceria poderia ser o campo ou a cidade, pois o mais importante não seria a questão geográfica, mas sim o estabelecimento da direção revolucionária onde existisse uma maior inserção política; 2) que mesmo que o campesinato fosse o principal sujeito da transformação, não seria necessariamente através da guerra de guerrilhas que se rebelaria; 3) que os aspectos comuns do processo revolucionário latino-americano – a necessidade de uma unidade e a oposição ao imperialismo – não determinavam o caráter e o modo pelo qual a luta aconteceria em cada país.

É importante destacar que essas críticas não estão associadas a uma recusa total das ideias de Guevara por parte de Moreno. A concepção do guerrilheiro do caráter continental da luta para a melhor defesa da Revolução Cubana era entendida por Moreno como uma aproximação com a teoria da revolução permanente.¹⁰ As críticas à União Soviética, a luta pela unidade dos países socialistas com os atrasados e o enfoque sobre o internacionalismo revolucionário também foram importantes pontos de convergência entre o trotskismo e as ideias de Guevara (MANGIANTINI, 2014, p. 70).

Dessa maneira, a posição do SLATO, considerada nas afirmações de Moreno, era mais incisiva que a organização internacional da qual fazia parte, o CI. Tanto em sua caracterização do campesinato como vanguarda latino-americana, como em suas críticas à figura teórica de Guevara, Moreno apresentava uma análise que se distanciava do entusiasmo de Joseph Hansen com o processo revolucionário cubano. O trotskista argentino rompia com a tradição apontada por Löwy (2012b), a de privilegiar os setores urbanos, mas alertava também para o perigo de se cair em outra tentativa, a de privilegiar somente o campo e os camponeses.

Além das análises do SLATO, na esfera do trotskismo latino-americano também se encontram as compreensões do BLA, até 1962 associado ao SI. O

¹⁰ Em outubro de 1967, quando Che Guevara foi morto, Moreno publicou o artigo *Guevara: herói e mártir da revolução permanente* no periódico *La Verdad* (publicação de sua organização na época, o PRT). Nesse artigo, o trotskista argentino destaca a relação existente entre Guevara e a teoria da revolução permanente.

BLA, ainda que problematizasse com maior ênfase a questão do campesinato para a revolução latino-americana após o desenvolvimento da Revolução Cubana, também reafirmava o papel do operariado. No jornal argentino *Voz Proletaria*, de julho de 1960, destacava-se que a revolução estaria a caminho de dar um passo a uma fase superior, na qual os objetivos econômicos e sociais levariam decisivamente à necessidade de unir a luta anti-imperialista com a luta anticapitalista e exigiriam a definição de um programa claramente revolucionário, que só poderia “ser dado pelo proletariado como condutor das grandes massas camponesas e da pequena burguesia pobre das cidades” (VOZ PROLETARIA, 1960, p. 4). O processo revolucionário que viveria a América Latina não seria equilibrado e homogêneo, não só pelo caráter desigual de seus desenvolvimentos, mas também pelo peso ainda fraco de uma “direção proletária consciente”.

No caso de Cuba, para avançar no caminho revolucionário, a classe trabalhadora, os sindicatos e a *Central de Trabajadores Cubanos* deveriam intervir de forma mais direta, independente da atividade e das posições do governo revolucionário, tendendo a converter-se em direção da revolução. Ainda que apoiando as medidas progressistas do governo, a classe trabalhadora daria sua própria perspectiva e programa, como líder de todas as massas exploradas em Cuba, camponeses, estudantes e pequena burguesia pobre, ou seja, atuando como “a verdadeira base de apoio da revolução” (*ibid.*, p. 4)

Inicialmente, se os camponeses haviam sido o centro gravitacional da revolução, com o passar do tempo esse centro deveria ser deslocado para os proletários. A luta pela libertação nacional deveria se unir à luta pela libertação social e, nesse processo, o proletariado seria o condutor “único e insubstituível” (*ibid.*, p. 5). Nesse sentido, as considerações do BLA se assemelhavam àquelas do Secretariado Internacional (SI), do qual fazia parte, tendo em vista que para ambos o deslocamento do apoio da revolução do campesinato para o proletariado era fundamental para o próprio desenvolvimento do processo revolucionário.

Da guerrilha ao socialismo?

De todas as lições, expectativas ou problemas trazidos pela vitória cubana foi certamente a questão da guerra de guerrilhas que impactou mais fortemente tanto as resoluções do trotskismo internacional quanto a organização de suas fileiras. Como afirma o historiador Martín Mangiantini, “a violência revolucionária, em suas vastas manifestações, continua sendo um dos tópicos centrais que atravessa todo o projeto radical” (MANGIANTINI, 2014, p. 5). Foi nesse sentido que a manifestação da guerrilha, como forma de violência revolucionária, constituiu-se como um capítulo à parte na história dessas organizações. Diante da particularidade desse momento histórico, os trotskistas acabaram mais uma vez afetados, tanto pela crítica quanto pela adesão.

No início dos anos 1960, o já mencionado livro de Che Guevara, *Guerra de Guerrilhas*, como o próprio nome sugere, promoveu discussões acerca da luta armada na revolução latino-americana e ampliou o debate na esquerda mundial.¹¹ Nessa publicação, Guevara despontou como o principal teórico e sistematizador da guerra de guerrilhas como experiência de luta armada para outros países: “Encontrar as bases em que se apoia este tipo de luta, as regras a seguir pelos povos que buscam sua libertação; teorizar o fato, estruturar e generalizar esta experiência para o aproveitamento de outros” (Guevara, 1982, p. 15). Se o triunfo da guerrilha em Cuba havia gerado grande entusiasmo em toda a esquerda, a elaboração teórica de Guevara agora propiciava um guia prático de como proceder.¹²

¹¹ Após a tomada do poder, a produção de Che Guevara se voltou para a sistematização da experiência guerrilheira de Sierra Maestra: *O que é um guerrilheiro* (1959), *Guerra e população camponesa* (1959), *Projeção social do exército rebelde* (1959), *Notas para o estudo da ideologia da revolução cubana* (1960) e *Guerra de guerrilhas* (1960).

¹² Após a Primeira e a Segunda Declaração de Havana (1960 e 1962, respectivamente) e as publicações de Che Guevara no período, ocorreu o crescimento de organizações guerrilheiras no continente. Ainda no início dos anos 1960, surgiram alguns grupos que, em sua maioria, tomaram o caminho da guerrilha rural com nítida inspiração no *Movimento 26 de Julho: Forças Armadas de Libertação Nacional* (FALN) e *Movimento de Esquerda Revolucionário* (MIR) na Venezuela; *Forças Armadas Revolucionárias* (FAR) e o *Movimento Revolucionário 13 de Novembro* (MR-13) na Guatemala; MIR e *Exército de Libertação Nacional* (ELN) no Peru; *Frente Sandinista de Libertação Nacional* (FSLN) na Nicarágua; *Movimento 14 de Junho* na República Dominicana e o ELN do próprio Che Guevara na Bolívia (LÖWY, 2012a, p. 46).

Guevara, além de defender o campo como terreno principal para a luta armada, também destacou a importância da criação de um foco insurrecional. Essa teoria partia do princípio de que as condições objetivas já estariam prontas para o desenvolvimento do processo revolucionário nesse continente, restando ao *foco* guerrilheiro a criação das condições subjetivas. Isso aconteceria porque assim que os combates tivessem se iniciado, as massas se aliariam aos guerrilheiros, o que levaria ao aumento do poder ofensivo até a vitória da revolução. A guerrilha seria, então, a vanguarda política do processo, à qual as demais tarefas estariam subordinadas.

Para a teoria do foco, primeiro se organizaria um pequeno grupo armado, isolado da ação do povo: “No início, há um grupo mais ou menos armado, mais ou menos homogêneo, que se dedica quase exclusivamente a esconder-se nos lugares mais agrestes, mantendo raros contatos com os camponeses” (*ibid.*, p. 66). Através de um ataque bem sucedido, esse grupo atrairia alguns camponeses e jovens idealistas, que atuariam em regiões cujas condições naturais favorecessem a defesa contra ataques do exército e seguiriam incorporando novos combatentes. Ao contar com algum ponto na área libertada, os guerrilheiros passariam a elaborar os meios para a ação avançar sobre o território controlado pelo governo. Os sucessos militares seriam assim a forma de fortalecimento da guerrilha, vista como etapa inicial da revolução. Como afirma Gorender, “o foco funcionaria como o pequeno motor acionador do grande motor, as massas” (GORENDER, 2014, p. 90).

Nesse sentido, o foco guerrilheiro trazia uma novidade que o singularizava: a primazia do fator militar sobre o fator político, da prioridade do foco guerrilheiro sobre o partido (*ibid.*, p. 91). A crítica ao burocratismo e à corrupção de alguns partidos comunistas dava origem, dessa forma, à conclusão de que não seria preciso esperar por esses para iniciar a luta. A guerrilha rural assumiria essa responsabilidade, estando todos os demais fatores políticos – inclusive a formação de um novo partido revolucionário – subordinados a ela.

Os maiores debates sobre a importância da guerra de guerrilhas para o movimento trotskista internacional ganharam maior força entre os anos de 1968 e 1974, principalmente nos períodos que precederam os dois congressos mundiais do SU. Nesse momento, as discussões aconteciam em conformidade com outros fatos importantes para a questão da guerrilha: o crescimento do

“castrismo”, o aparecimento de movimentos que reivindicavam a luta armada em toda América Latina e o surgimento da *Organização Latino-Americana de Solidariedade* (OLAS).¹³

Em julho de 1967, na primeira conferência da OLAS, em Havana, defendeu-se o direito de todos os povos do continente de combater a violência imperialista e reacionária com a violência revolucionária. Para isso, era preciso impulsionar a batalha de todas as massas exploradas da América Latina contra o imperialismo e as burguesias da região. De acordo com Löwy (2012a), o significado histórico desse congresso estava associado a dois fatores: a tentativa de coordenação continental do processo revolucionário latino-americano e a proclamação do conteúdo democrático e socialista dessa revolução. Foi também na OLAS que o método guerrilheiro foi visto como o mais eficaz para a maioria dos países no continente. A consideração tática de como obter o poder se transformou em um preceito estratégico (CASTAÑEDA, 1994, p. 71).¹⁴

Além disso, a morte do próprio Che Guevara na Bolívia, ainda em 1967, não trouxe a possibilidade do fracasso das guerrilhas no continente, mas sim o apelo de sua continuidade para que a luta do revolucionário não fosse considerada como algo em vão. De acordo com Bensaïd (2007), a palavra de ordem testamentária de Che, “criar dois, três, muitos Vietnãs”, “ressoava como um imperativo imediato aos ouvidos de uma geração militante tão entusiasta como inexperiente” (BENSAÏD, 2007, p. 114).

No âmbito internacional do trotskismo, há uma sequência de artigos que se desdobram sobre a questão da guerrilha, tendo como principais autores o norte-americano Joseph Hansen e o italiano Lívio Maitan.¹⁵ Nesse momento, parte

¹³A proposta de criação da OLAS surgiu após a *Conferência Tricontinental*, realizada em Havana em janeiro de 1966. Enquanto em sua primeira declaração a OLAS realizou um balanço sobre as estratégias aplicadas no continente, defendendo a luta armada pela guerra de guerrilhas e sua coordenação nesse processo, na década seguinte seu espectro já não rondava mais a América Latina. Nos anos 1970, após a morte de Guevara, a OLAS se transformou em um centro de divulgação das lutas do continente, longe de possuir uma capacidade real de coordenação dos movimentos.

¹⁴ Para González, a convocação da OLAS também significou uma aberta ruptura da direção cubana com a metodologia dos partidos stalinistas, pois Castro os caracterizou como oportunistas por sua política de “unidade popular” e de “união democrática” (GONZÁLEZ, 1999b, p. 189).

¹⁵ Lívio Maitan (1923-2004) foi um militante trotskista italiano e destacado dirigente europeu ao lado de Ernest Mandel e Pierre Frank.

dos grupos que antes formavam o CI e o SI haviam se reunificado em 1963 formando a *Quarta Internacional – Secretariado Unificado* (SU), principalmente após acordos acerca das interpretações do processo revolucionário cubano e da revolução argelina. Nos meses que antecederam a realização do 9º *Congresso Mundial* da SU, em 1969, a questão latino-americana adquiriu grande destaque e foi campo de uma luta política, especialmente em virtude do método revolucionário.

O documento que deu início aos debates foi publicado no início de 1968 e adotado pelo SU como o esboço de uma resolução do 9º *Congresso*. A proposta de resolução política *The New Rise of the World Revolution* apontava para as novas tendências da situação internacional, enfatizando a emergência da crise da economia capitalista e as novas manifestações nos grandes centros urbanos. As teses foram votadas e aprovadas por ampla maioria, mas Maitan se absteve da votação. Em contrapartida, o trotskista italiano escreveu uma carta ao SU em maio de 1968 denominada *An insufficient document*.

Para o italiano, a crise do sistema imperialista e a maturidade das forças revolucionárias operava em escala mundial e fazia com que a revolução socialista fosse cada vez mais um problema do futuro imediato. Ora, se o socialismo era um problema do futuro imediato, os trotskistas precisavam fazer parte desse processo: “o que se espera de nós de agora em diante é que demonstremos na prática o valor histórico de nosso movimento, e seremos julgados essencialmente com base nisso” (MAITAN, 1969a, p. 17).

Fazer parte desse futuro socialista só seria possível se as dificuldades e contradições do presente fossem rompidas. Para tanto, seria necessário que o trotskismo estivesse à frente de movimentos de massas que fossem bem sucedidos ou levassem a lutas revolucionárias de um ou mais países. Caberia aos trotskistas, naquele momento, identificarem quais eram os locais em que isso seria possível e “o resto viria depois”. Para Maitan: “Nós precisamos de militantes corajosos e devotos; mas, mais do que isso, precisamos de militantes em condição de lutar o maior tempo possível” (ibid., p. 18). A aposta do italiano era que a vitória da Quarta Internacional, naquele estágio, poderia ser construída na Bolívia.

Em novembro de 1968, Maitan reafirmou suas posições em outro documento, *Draft resolution on Latin America*. O trotskista italiano acreditava

que a instabilidade da estrutura econômica e social do continente o colocava em uma “situação pré-revolucionária”, que teria levado a “explosões sociais e políticas”. Para o autor, havia greves que desafiavam ditaduras (como no Brasil), manifestações marcadas por confrontos com as forças repressivas (Uruguai, Chile, Bolívia), alianças entre trabalhadores e o movimento estudantil (México e Brasil), que constituiriam sintomas significativos do ressurgimento da luta da classe trabalhadora em lugares nos quais ela já havia sido considerada como estagnada. A América Latina teria entrado em “um período de explosões revolucionárias e conflitos, de luta armada em diferentes níveis contra a classe dominante nativa e o imperialismo, e uma prolongada guerra civil em escala continental” (*ibid.*, p. 7).

As resoluções de Maitan possuíam um otimismo excessivo, pois supervalorizavam muitos confrontos de classe existentes na América Latina. Afirmar que existia uma situação “pré-revolucionária” indicava que o autor não levava em consideração a existência de muitos governos ditatoriais no continente, o que fazia com que a repressão a movimentos sociais fosse forte. Eventos localizados acabavam sendo vistos como a expressão generalizada de uma ascensão de movimentos revolucionários.

Ainda que afirmasse que não era possível prever uma fórmula universal que pudesse ser aplicada a fim de superar as contradições objetivas, Maitan acreditava que a luta armada no continente latino-americano iria assumir a forma específica da guerrilha rural: “Mesmo no caso de países nos quais grandes mobilizações e conflitos de classe nas cidades possam ocorrer primeiro, a guerra civil assumirá muitas formas de luta armada, nas quais o principal eixo durante todo um período será a guerrilha rural” (*ibid.*, p. 9). Dessa maneira, em lugar do exame concreto das situações, era feita a proposição de formas de luta que não decorriam de uma correlação de forças efetiva para aquele momento.

Em fevereiro de 1969, Joseph Hansen apresentou um documento de crítica ao que considerava um desvio “guerrilheirista” de Maitan, o artigo *Assessment of the draft resolution on Latin America*. O trotskista norte-americano afirmava que as resoluções de Maitan estavam divididas em duas partes: a primeira seria uma análise econômica, social e política da América Latina, que apontava para a perspectiva da revolução socialista; a segunda seria a proposta de uma tática geral aplicada a todo o continente para que se atingisse a perspectiva

revolucionária, essa seria a preparação para a guerrilha rural. Era na segunda parte que as polêmicas se instauravam.

Para Hansen, a análise não trazia nada de novo no âmbito da questão econômica. Politicamente, a resolução do trotskista italiano seria exagerada, principalmente no tocante ao papel do campesinato em escala continental. A crítica do militante do SWP a Maitan era que ao invés de fazer um balanço da situação latino-americana, suas resoluções somente buscavam uma tática continental e a preparação técnica para o engajamento na guerrilha rural por um período prolongado. De acordo com Hansen: “A verdade é que essa resolução é um reflexo bastante fiel das opiniões expressas publicamente pela direção cubana nessa questão” (HANSEN, 1969, p. 7). Para o norte-americano, a resolução estaria em tanta conformidade com a posição cubana, que chegava a postular que a guerrilha poderia estimular a dinâmica revolucionária.

Dessa maneira, a resolução proposta por Maitan não apenas se adaptaria a uma posição defendida pela liderança cubana, mas também se calaria diante da acomodação dos cubanos ao stalinismo. O trotskista italiano também não levaria em conta o sectarismo dessas lideranças com os trotskistas.¹⁶ Contudo, esse não era o principal dos problemas da proposta de Maitan. Para Hansen, a prioridade de qualquer estratégia ou tática para a América Latina era a construção de um partido revolucionário: “O partido não é o meio para a luta armada. A luta armada é o meio de trazer o proletariado ao poder sob a liderança do partido” (*ibid.*, p. 9). O partido não deveria servir como acessório no desenvolvimento da luta armada. Era nesse sentido que a construção do partido deveria ser vista como tarefa central, a orientação e a maior preocupação da vanguarda. Hansen completa: “A situação explosiva da América Latina não diminui essa necessidade, ela intensifica” (*ibid.*, p. 9).

As polêmicas em torno da questão da guerrilha como tática foram votadas no 9º Congresso Mundial, realizado em abril de 1969. A posição de Maitan venceu com cerca de dois terços dos votos. A aprovação dessas teses fomentou outros debates sobre o tema da luta armada, além de afetar diretamente a linha

¹⁶ Em 1966, na *Conferência da Tricontinental* em Havana, Fidel Castro teceu duras críticas aos trotskistas, nas quais os acusava de “agentes do imperialismo”.

política das organizações trotskistas associadas ao SU. Na América Latina, iniciou-se uma grande luta de frações políticas, que veremos a seguir.

Para o SLATO, alinhado ao SU após 1964, não haveria nenhum país no qual um grupo guerrilheiro havia triunfado de acordo com o esquema “guevarista”. No já destacado artigo *Dos métodos frente a la revolución latino-americana: ¿Lucha guerrillera o lucha obrera y de masas?*, de 1964, Moreno afirmou que a experiência histórica teria provado que, para obter êxito, a guerrilha necessitaria de um grande partido de massas e de países limítrofes que a apoiassem. Além de atentar para a necessidade de um partido, o trotskista também destacava o perigo de se criar ilusões acerca do método guerrilheiro:

“A guerrilha exige mais que nenhuma outra forma de luta, a existência de um forte partido centralizado ou de grandes líderes reconhecidos do movimento de massas. Ao esquecer essas claras indicações dadas pela experiência histórica, Guevara está cometendo um crime pedagógico: o de criar graves ilusões sobre a facilidade de fazer a guerrilha e a respeito das condições objetivas e subjetivas que esta exige” (MORENO, 1964, p. 18).

As condições existentes em Cuba, que possibilitaram a tomada do poder, não voltariam a se repetir: “Cuba confirmou a experiência histórica de todos os países em que triunfou a guerra de guerrilhas e ao mesmo tempo a impossibilidade de repetir essa experiência” (*ibid.*, p. 20). Isso não significaria que não aconteceriam guerrilhas ou outras formas de luta armada na América Latina, mas sim que suas pautas seriam distintas daquelas da ilha. O exemplo de Cuba só poderia ocorrer em outros locais se fossem feitas análises corretas juntamente com um claro programa político e não somente uma “mera cópia” (*ibid.*, p. 20).

Mangiantini (2014) considera que, do ponto de vista teórico, esse texto foi a ruptura estratégica para o debate em torno da conveniência da luta armada em sua forma de guerrilhas. A posição central de Moreno, que acabou sendo repetida em diversos trabalhos, “não foi invalidar a guerra de guerrilhas como uma metodologia plausível para a concretização da revolução socialista, mas sim o questionamento dessa como única possibilidade válida para obter um resultado político exitoso” (MANGIANTINI, 2014, p. 68). Além disso, Moreno também procuraria não igualar a luta armada com a guerrilha como estratégia

de luta, visto que essa seria entendida muito mais como uma vanguarda armada que, a partir de ações isoladas do movimento de massas, se converteria em uma criadora de consciência. Essa foi uma afirmação sustentada e aprofundada por Moreno nos anos seguintes.

Os problemas advindos da concepção da guerra de guerrilhas como principal forma de luta armada ainda estariam longe de terminar para a organização trotskista liderada por Moreno na Argentina e, conseqüentemente, para o próprio SLATO. Em maio de 1965, após meses de intercâmbio e atividades conjuntas, o *Palabra Obrera*, organização de Moreno, uniu-se à *Frente Revolucionaria Indoamericanista Popular* (FRIP), dando origem ao *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT).

Apesar de a unificação ter possibilitado a superação da crise em que se encontrava o *Palabra Obrera* e o provincianismo da FRIP, as diferenças programáticas logo começaram a aparecer, especialmente no entendimento da questão da luta armada e na experiência guerrilheira.

De acordo com Mangiantini (2014), o debate sobre a possibilidade de se colocar em prática a luta armada na Argentina encontrou no partido recém-criado um cenário de discussão teórico-política. As divergências não se deram somente em um âmbito abstrato sobre a viabilidade do método em algumas circunstâncias, mas sim no modo concreto “de se colocar em marcha essa metodologia e nos fatores a se ter previamente em conta para a adoção dessa estratégia” (*ibid.*, p. 66). O debate de fundo em torno da luta armada se referia ao tipo de estrutura política a ser construída para a obtenção do triunfo revolucionário. A grande questão estaria pautada no dilema entre a construção de um aparato político-militar ou a construção de um partido revolucionário com inserção e construção política entre as massas e a classe trabalhadora. Nesse sentido, abriu-se um amplo debate entre Moreno e a tendência liderada por Mario Roberto Santucho¹⁷ dentro do PRT.

¹⁷ Mario Roberto Santucho (1936-1976) liderava, juntamente com seus irmãos Francisco René e Oscar Asdrúbal, a *Frente Revolucionaria Indoamericanista Popular* (FRIP), um grupo pequeno que atuava quase que exclusivamente entre os setores estudantis e trabalhadores de algumas províncias argentinas. Em 1965, fundou o *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT) por meio da união com o *Palabra Obrera*, de Nahuel Moreno. Em 1970 formou a organização guerrilheira *Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP).

Em oposição às ideias de Moreno, dentro do PRT, a tendência liderada por Santucho, Oscar Prada e Helios Prieto, assinalava a necessidade do partido se preparar adequadamente para o início das tarefas de tipo militar. Segundo Mangiantini (2014), a diferença se estabeleceu na necessidade de construção paralela de um exército revolucionário que atuaria como braço armado do partido, cujo âmbito rural era visto como o mais adequado para a existência e preservação desse exército. As divergências com Moreno foram explicitadas no artigo *El único camino hacia el poder obrero y el socialismo*, escrito em 1968 para o 4º Congresso do PRT, e assinado por Carlos Ramirez, Sergio Domecg e Juan Candela, pseudônimos de Santucho, Prada e Prieto.

De acordo com esse artigo, que sistematizava as ideias dos militantes do PRT contrários às ideias de Moreno, toda a luta revolucionária deveria ocorrer em três etapas: na primeira, a revolução se encontraria pouco desenvolvida e atuaria de forma defensiva – “a luta armada será essencialmente guerra civil e irá se transformando paulatinamente em guerra nacional anti-imperialista” (Ramirez et al., 1972 [1968], p. 24); na segunda, graças à luta revolucionária, se produziria um equilíbrio de forças que levaria à terceira etapa, na qual a revolução passaria para a ofensiva e o inimigo para a defensiva.

Esse setor também considerava que o “castrismo”, mesmo que sem a “clareza teórica e a pureza de ‘método’ dos grandes marxistas revolucionários do passado” teria conseguido desenvolver “uma estratégia clara para a luta revolucionária global e continental” (*ibid.*, p.8).

Nesse sentido, a forma concreta, política e militar que essa tática revolucionária continental deveria adquirir seria a da “guerra prolongada”, cujo principal pilar estaria constituído por exércitos guerrilheiros que deveriam formar-se respeitando as condições particulares de cada país e região (*ibid.*, p. 10). No entanto, ainda que esse fosse o principal pilar, Santucho também afirmava que essa construção militar não poderia estar desligada de uma construção partidária:

“A tarefa de construção do partido e a de construção da força militar, para os verdadeiros revolucionários, estão indissociavelmente ligadas. Onde não há partidos revolucionários deve-se criá-los como forças militares desde o começo. Onde existem e são fracos, deve-se desenvolvê-los, mas transformando-os em forças militares

imediatamente, para que possam responder às demandas colocadas por uma estratégia político-militar em poder nessa época” (*ibid.*, p. 11).

O que se pode concluir dessas diferentes análises é que o debate entre os membros do PRT não estava pautado na necessidade – ou não – de construção do partido revolucionário, mas sim no papel que esse teria. Enquanto para Moreno o partido deveria constituir a vanguarda do movimento de massas, primando pela inserção na classe trabalhadora, para o grupo de Santucho esse deveria ser uma ferramenta política que completaria a construção militar, que deveria criar as condições objetivas para a transformação social (MANGIANTINI, 2014, p. 77).

Nos primeiros meses de 1968, antes da realização do 4º Congresso do PRT, as diferenças instauraram a crise definitiva e o partido se dividiu em dois: o PRT – *El Combatiente* (PRT-EC), com a liderança de Santucho; e o PRT – *La Verdad* (PRT-LV), com a liderança de Moreno. No já mencionado 9º Congresso Mundial do SU, o mesmo que adotou as posições de Lívio Maitan, a maioria do congresso reconheceu o PRT (EC) como seção oficial, reduzindo o PRT (LV), de Moreno, à condição de simpatizante. Essa postura era condizente com a linha guerrilheira adotada pelo SU a partir daquele momento.

De acordo com Bianchi (2012), iniciou-se, após este congresso, uma luta fracional para a aplicação dessa linha política, pois importantes setores trotskistas latino-americanos eram contrários a essa. Além disso, violou-se o acordo que garantia a relação fraternal entre as seções argentinas da Quarta Internacional, pois os partidários do PRT (EC) lançaram-se em ataques violentos contra o PRT (LV), inclusive com apoio da direção do SU. Para combater ao que mais tarde chamaram de “tentação guerrilheirista”, as correntes que se opunham à defesa dessas ações formaram a *Tendência Leninista Trotskista* (TLT), em 1972. Esse era um setor minoritário da QI-SU, encabeçado pelo SWP estadunidense e pelo PRT (LV) – então chamado de *Partido Socialista de Los Trabajadores* (PST). A maioria, favorável à guerrilha, constituiu *Tendência Majoritária Internacional* (TMI).

As polêmicas em torno a guerra de guerrilhas repercutiram no SU em nível internacional com Lívio Maitan e Joseph Hansen e em nível nacional com as divisões do PRT argentino, com Moreno e Santucho. É importante destacar que na reunificação que formou o SU em 1963, o grupo associado em torno do BLA,

liderado por de Juan Posadas,¹⁸ não estava presente. Juan Posadas criou sua própria organização trotskista em 1962, mais tarde denominada IV Internacional Posadista (COGGIOLA, 1984, p. 64). Dessa maneira, o BLA não participou da reunificação em torno SU e não esteve presente nas discussões sobre a questão da guerra de guerrilhas ocorrida nessa organização.

No Brasil, no entanto, o Partido Operário Revolucionário (POR), anteriormente alinhado ao BLA, havia sido fundado em 1952. Durante o período em que se deram as principais discussões sobre a luta armada em sua forma de guerra de guerrilhas, o POR brasileiro enfrentava a dura repressão após o golpe militar de 1964. De acordo com Marcelo Ridenti (1997), dentre os diversos grupos clandestinos que se pretendiam revolucionários após 1964, os trotskistas foram “dos poucos que ficaram à margem das ações armadas” (RIDENTI, 1997, p. 93). Ainda que a opção pelas armas no combate à ditadura tenha ganhado relevo em muitas organizações de esquerda, os trotskistas, associados no POR, foram críticos das propostas de ações armadas urbanas e da guerrilha rural. Jacob Gorender também enfatizou essa característica do movimento trotskista brasileiro no período: “foram os trotskistas ortodoxos o único segmento da esquerda brasileira que se imunizou inteiramente contra a febre militarista dos anos 1960” (GORENDER, 2014, p. 93).

Em pleno regime militar, a luta armada havia assumido sua forma de guerra de guerrilhas sem a participação do contingente trotskista do POR. O foco criado na Serra do Caparaó, em Minas Gerais, organizado pelo *Movimento Nacionalista Revolucionário* (MNR), e formado principalmente por ex-militares, foi derrotado por meio de uma rápida intervenção em 1967. O treinamento guerrilheiro do Vale do Ribeira, em São Paulo, organizado pela *Vanguarda Revolucionária Popular* (VPR) e liderado por Carlos Lamarca, foi reprimido em 1970. A guerrilha do Araguaia, no Pará, liderada pelo PC do B resistiu por mais tempo em virtude do apoio da população local e da região de difícil acesso na qual se encontrava, mas também encontrou seu fim em 1974. A atuação dos focos guerrilheiros no Brasil não conseguiu resistir à forte repressão, além de não atingir os grandes centros urbanos como esperado.

¹⁸ Pseudônimo de Homero Rómulo Cristalli Frasnelli (1912-1981), membro do POR argentino, dirigente do BLA e fundador da Quarta Internacional Posadista.

Em 1966, ocorreram cisões no POR devido às discordâncias com a direção que se ajustava às teses de Juan Posadas. Assim surgiu a *Fração Bolchevique Trotskista* (FBT), no Rio Grande do Sul, na qual se juntaram dissidentes do POR em São Paulo e no Nordeste em 1968-1969; e o Grupo 1º de Maio, em São Paulo, uma cisão enraizada especialmente no movimento estudantil, em 1968. Ambas as organizações eram contrárias ao método da guerra de guerrilhas e buscavam retomar um trabalho de massas no meio operário e estudantil (RIDENTI, 1997, p. 93).¹⁹

Após as divergências internacionais, continentais e nacionais acerca da guerra de guerrilhas na América Latina, o SU só iria rever essa linha política em fevereiro de 1974, no *10º Congresso Mundial*. O Congresso teve como principal controvérsia a questão da luta armada na América Latina e a violência revolucionária, o debate sobre as relações com as novas vanguardas e a formação de frente única com as organizações tradicionais do movimento operário (BENSAÏD, 2007, p. 116). Entre as teses adotadas pelo *10º Congresso*, estavam as resoluções políticas mais gerais, as teses sobre a construção de partidos revolucionários na Europa capitalista e a preocupação sobre o estado em que se encontrava a Quarta Internacional naquele momento. No entanto, grande parte das contribuições estava relacionada à questão da luta armada na América Latina, à linha de orientação na Bolívia e à crise de perspectivas revolucionárias na Argentina. Nota-se, dessa maneira, a importância do continente latino-americano para a linha política adotada nesse congresso.

A *Resolução sobre a luta armada na América Latina* destacava as teses defendidas no congresso anterior, de 1969, e apontava as diferenciações. Esse documento afirmava que a estratégia da Quarta Internacional na América Latina deveria fazer parte de um esforço central para a resolução da crise de

¹⁹ Marcelo Ridenti também destaca que na década de 1970, remanescentes do *Grupo 1º de Maio* e da FBT integraram a *Organização Socialista Internacionalista* (OSI), muito conhecida no movimento estudantil da época como Liberdade e Luta. Essa foi a base da futura tendência *O Trabalho*, que atuou no interior do *Partido dos Trabalhadores* (PT) nos anos 1980 e 1990, na redemocratização política brasileira. Outros remanescentes da FBT criaram a *Liga Operária*, que mais tarde comporia a *Convergência Socialista*, que também atuou dentro do PT. A *Convergência Socialista*, em 1994, rompeu com o PT e formou o *Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado* (PSTU) (RIDENTI, 1997, p. 93).

direção revolucionária através da construção de novos partidos revolucionários de massa: “sem dar uma resposta concreta aos problemas levantados pela ascensão revolucionária, a construção desses partidos é impossível” (QUATRIÈME INTERNATIONALE, 1974, p. 47). A resolução também apontava o caso do PRT (EC), liderado por Santucho, que teria demonstrado “o perigo de desvios militaristas” que negligenciavam a agitação e a propaganda política, a elevação sistemática da consciência de classe e a luta contra ideologias reformistas.

O documento ainda afirmava que as resoluções do 9º Congresso haviam dado respostas ao urgente debate sobre o papel da guerrilha rural, aberto após a Revolução Cubana. As experiências de países latino-americanos, no entanto, teriam provado que a linha política aprovada em 1969 foi um pouco mais difícil de se concretizar do que o esperado. Esse foi o caso do Brasil, onde as condições objetivas teriam se provado muito mais complexas do que os revolucionários imaginavam em virtude da forte repressão por parte do regime militar, que levou à destruição de focos guerrilheiros e à morte de muitos militantes de esquerda. Do ponto de vista subjetivo, as organizações armadas também pagaram um elevado preço pela adesão aos desvios militaristas. No Uruguai, após o golpe militar em 1973, teria se provado que a popularidade conseguida pelos Tupamaros,²⁰ por meio de ações corajosas, não supria a elaboração de uma perspectiva revolucionária generalizada ou a construção de uma direção alternativa. No Chile, a trágica derrota sofrida pela classe trabalhadora ilustraria o quanto a resistência espontânea e defensiva seria insuficiente para conter um golpe de Estado.

No entanto, a resolução afirmava que o pesado tributo de falhas não deveria levar à rejeição completa da luta armada e nem à conclusão que as experiências guerrilheiras representaram um fracasso total. O esmagamento de sucessivos movimentos de massa em diversos países deveria ser entendido como o fracasso total do “foquismo”, questão candente no curso da luta de classes na América

²⁰ *Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros* (MLN-T) foi um grupo uruguaio de guerrilha urbana que atuou entre os anos 1960 e 1970, tanto antes quanto depois da instauração da ditadura em 1973. A repressão ao movimento se intensificou após o golpe de Estado, levando a morte de muitos guerrilheiros e à dispersão do movimento, que só voltou à cena política após a redemocratização, em 1985.

Latina. Por fim, a resolução concluía afirmando que o 9º Congresso havia respondido à nova situação surgida no continente após a Revolução Cubana, especialmente sobre a questão da luta armada.

O SU reavaliou a linha política guerrilheira defendida em 1969, abandonando a concepção da guerra de guerrilhas e voltando-se prioritariamente para a construção de partidos marxistas revolucionários. Ainda que os debates e as divergências tenham sido constantes acerca dessa questão, os trotskistas do SU se viram diante de um fenômeno que havia influenciado grande parte da esquerda latino-americana:

“O fenômeno cubano despertou em escala continental uma concepção distinta na prática revolucionária da década. O castrismo gerou em um setor importante da vanguarda a ideia de que a guerra de guerrilhas era o único método adequado para a luta contra a burguesia e o imperialismo. Converteu-se, assim, em um movimento continental que expressou a radicalização de importantes setores da pequena burguesia, geralmente desviando-a para posições aventureiras” (GONZÁLEZ, 1999a, p. 15).

Contudo, os erros graves sobre essa questão haviam sido compreendidos após o fracasso de muitas experiências latino-americanas. Após cinco anos, a autocrítica estava sendo feita pelo SU. De acordo com Bensaïd (2007), o refluxo das lutas no continente latino-americano, com golpes de Estado na Bolívia, em 1971, no Uruguai e no Chile²¹ em 1973, mostraria a necessidade de uma reorientação estratégica para a América Latina: “tinha chegado a hora de nos armarmos com uma ‘lenta paciência’ e de inscrever o projeto revolucionário no longo prazo” (Bensaïd, 2007, p. 117).

Considerações finais

Para o movimento trotskista, a Revolução Cubana trouxe a necessidade de uma maior atenção aos países considerados coloniais ou semicoloniais. Dessa

²¹ De acordo com Bensaïd, a experiência chilena teria demonstrado que “o heroísmo de uma minoria determinada não é suficiente para ‘ultrapassar os aparelhos’, se seu controle sobre os setores significativos do movimento de massas não tiver anteriormente sido garantido” (BENSAÏD, 2007, p. 117).

maneira, a América Latina passou a ser matéria de exames conjunturais específicos, assim como também se tornou palco de estratégias políticas intensamente debatidas. Pode-se concluir que os maiores desafios das influências de Cuba estiveram associados aos novos métodos e sujeitos revolucionários, aqui compreendidos na questão do campo e da guerra de guerrilhas.

Em relação ao campo, é importante destacar que a vitória cubana foi conquistada em grande medida pelo apoio dos camponeses e em um contexto no qual a classe operária mundial não havia comparecido ao encontro esperado. Assim como em Cuba, nas guerras do Vietnã e de independência da Argélia o campo teve um papel importante. Além disso, as considerações do líder guerrilheiro Che Guevara enfatizavam o desempenho dos camponeses na luta revolucionária dos países latino-americanos, influenciando as compreensões trotskistas. Dessa maneira, ainda que não incorporasse a premissa geográfica do campo e a premissa social dos camponeses como modelo a ser seguido – como fazia Che Guevara – o movimento trotskista se viu impelido a examinar de forma mais atenta os significados dessas concepções na revolução latino-americana e mundial. Internacionalmente, as análises norte-americanas se mostravam mais propensas a compreender os camponeses como principais sujeitos políticos, pois esses seriam parte do desvio tomado por Cuba e por outros países inseridos nas mesmas circunstâncias históricas. Já no âmbito continental, mesmo que em organizações distintas, as análises convergiam para a defesa do proletariado urbano como única classe capaz de impulsionar a revolução rumo ao socialismo, ainda que essa fosse iniciada no campo.

No tocante à guerrilha, a experiência em Sierra Maestra trouxe a questão da luta armada como matéria urgente de debates. As circunstâncias históricas faziam dessa questão o maior exemplo de possibilidade de sucesso para muitas parcelas da esquerda, e não seria diferente para os trotskistas. A guerra de guerrilhas, após o 9º *Congresso Mundial* do SU, em 1969, converteu-se em uma linha política, que deveria ser construída juntamente com o partido revolucionário. Internacionalmente, organizações e líderes trotskistas europeus defenderam a opção pela guerrilha, enquanto norte-americanos e latino-americanos fizeram forte oposição. A primazia do fator militar sobre o fator político, no entanto, acabou por enfraquecer muitas organizações trotskistas.

Na América Latina, as experiências de guerrilha rural sofreram derrota sobre derrota, assim como as experiências de guerrilha urbana que surgiram no combate a governos ditatoriais.

A reavaliação do papel da guerra de guerrilhas, ocorrida em 1974, parece ter representado não apenas a mudança de uma linha política específica, mas sim o fim do ciclo da influência da Revolução Cubana na organização das fileiras do Secretariado Unificado. Feitos os exames a respeito de seus significados e as mudanças pautadas em seus novos métodos e sujeitos, voltava-se agora para os problemas de seu desenvolvimento. Após 15 anos da vitória em Sierra Maestra, os rumos da revolução e de seu governo revolucionário já se delineavam com maior clareza, assim como a força e influência de suas ideias.

Referências bibliográficas

- AYERBE, L. F. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BIANCHI, A. El Che rondando por Callao: o trotskismo e as guerrilhas latino-americanas. *Blog Convergência*, 29 out. 2012.
- BENSAID, D. *Trotskismos*. Lisboa: Edições Combate, 2007.
- CANNON, J. P. New Revolutionary Forces Are Emerging. *Socialist Workers Party Discussion Bulletin*, jun.1961.
- CASTAÑEDA, J. *Utopia desarmada: intrigas e dilemas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GORENDER, J. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Expressão Popular, 2014.
- GONZÁLEZ, E. (coord.). *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina*. Palabra Obrera, el PRT y la Revolución Cubana (1959-1963). Buenos Aires: Antídoto, 1999a. t. III, v. 1
- _____. *El trotskismo obrero e internacionalista en la Argentina*. Palabra Obrera, el PRT y la Revolución Cubana (1963-1969). Buenos Aires: Antídoto, 1999b. t. III, v. 2
- GUEVARA, C. *A guerra de guerrilhas*. São Paulo: Edições Populares, 1982.
- HANSEN, J. Ideology of the Cuban Revolution. *International Socialist Review*, v. 21, n. 3, p. 74-78, 1960.
- _____. *The Theory of the Cuban Revolution*. New York: Pioneer Publishers, 1962 [1961].

- _____. Assessment of the draft resolution on Latin America. *International Information Bulletin*, n. 3, fev.1969.
- LEAL, M. *A esquerda da esquerda: trotskistas, comunistas e populistas no Brasil contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LÖWY, M. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012a.
- _____. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 2012b.
- MAITAN, L. An insufficient document. *International Information Bulletin*, jan. 1969a [1968].
- _____. Draft resolution Latin America. *International Information Bulletin*, jan. 1969b [1968].
- MANGIANTINI, M. *El trotskismo y el debate em torno a la lucha armada. Moreno, Santucho y la ruptura del PRT*. Tucumán: Colección Controversias, 2014.
- MEUCCI, I. *A Revolução Cubana e o movimento trotskista na América Latina: impactos na construção de um projeto político (1959-1974)*. 2015. 175f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2015.
- MORENO, N. *La Revolución Latinoamericana*, Buenos Aires: S/E, 1962.
- _____. *Dos métodos frente a la revolución latinoamericana. ¿Lucha guerrillera o lucha obrera y de masas?*, 1964. Edición electrónica, Biblioteca Virtual del CITO. Disponível em: <http://bit.ly/2f6oMef>
- ORTIZ, A. Révolution permanente à Cuba. *Quatrième Internationale*, a. 18, n. 11, p. 32-38, out/nov. 1960.
- _____. L'Etat ouvrier cubain. *Quatrième Internationale*, a. 19, n. 14, nov.1961.
- QUATRIEME INTERNATIONALE. La Révolution Cubaine. *Quatrième Internationale*, a. 18, n. 10, p. 5-7, jul.1960.
- _____. Le 10e Congrès de la IV Internationale – Thèses et résolutions. *Quatrième Internationale*, n.16-17 (nouvelle série), jul.-ago.1974.
- RAMIREZ, C; DOMECH, S; CANDELA, J. El Unico Camino hasta el Poder Obrero y el Socialismo. *International Information Bulletin* (Socialist Workers Party), n. 4, out. 1972 [1968].
- RIDENTI, M. Ecos de Trotsky na esquerda armada brasileira, 1964-1974. *Estudos de Sociologia*, v. 2, n. 2, p. 93-95, 1997.

SALES, J. R. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. 2005. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

SOCIALIST WORKERS PARTY. The new rise of world revolution (Draft resolution for the Third World Congress Since Reunification (Ninth World Congress). *International Information Bulletin*, out.1968.

VOZ PROLETARIA. Extender y organizar el apoyo a la Revolución Cubana. *Voz Proletaria*, a. 12, n. 207, jun.1960.